

DA COMUNA DE PARIS À COMUNA DE GDANSK* — Ainda a questão do trabalho alienado —

Elisabete M. Marchesini de Pádua
Instituto de Filosofia — PUCCAMP

“O trabalho, atividade vital, vida produtiva, aparece ao homem apenas como meio para a satisfação de uma necessidade, a de manter sua existência. A vida produtiva, contudo, é vida da espécie. É vida criando vida. No tipo de atividade vital reside todo o caráter de uma espécie, seu caráter como espécie; e a atividade livre, consciente, é o caráter como espécie dos seres humanos. A própria vida assemelha-se somente a um meio de vida”.
(Marx, **Manuscritos Econômico-Filosóficos**)

INTRODUÇÃO

Agradecendo ao convite para a participação nesta Mesa, queria explicitar aqui a minha preocupação em assumir o compromisso da falar sobre tema tão complexo, na medida em que a própria expressão “marxismo” passou a designar uma ampla gama de idéias, que vão do estudo da Teoria Econômica à Política e Ideologia, passando mesmo por uma Antropologia Filosófica fundamentada nos Manuscritos Econômicos Filosóficos.

Preocupação também, porque falar de “marxismo” é falar de Karl Marx, é falar de um dos maiores mitos contemporâneos; e estabelecer de pronto uma polêmica em torno de suas idéias, que mais de um século após sua morte, nos apaixonam; apaixonam também aqueles que, de uma maneira ou de outra, tentam fazer as famosas “aproximações” Marx/Sartre, Marx/Heidegger, Marx/Kant e mesmo Marx/Freud; mas acredito que a força do sistema explicativo marxiano, bem como sua posição crítica e metodológica, dispensam estas “aproximações”, “complementações” ou “reducionismos”.

Ainda como introdução, diria que falar de “marxismo” em uma mesa sobre Filosofia da Ciência, significa tentar compreender toda

(*) Trabalho apresentado na Mesa Redonda sobre o tema Filosofia da Ciência, na VII Semana de Estudos de Terapia Ocupacional, em 29-10-86, na PUCCAMP. (Revisto para publicação).

uma teoria explicativa cuja “verificabilidade” não pode ser discutida nos termos da lógica formal, base do que entendemos por “Ciência” a partir da Idade Moderna, visto que a metodologia marxiana se move no terreno da dialética e a partir do confronto com o pensamento de Hegel, Marx instaura novas bases metodológicas para o entendimento da sociedade.¹

1. A OBRA DE KARL MARX (1818 – 1883)

Qual o legado de Marx ?

Uma infinidade de textos manuscritos, a maioria publicada postumamente por Engels (1820 – 1895) dos quais o “Manifesto Comunista” (1848) e o “Capital – Crítica da Economia Política”, cujo primeiro volume foi publicado ainda em 1867, encerram os pressupostos da teoria do valor e da lógica do capital.

Quando falamos no legado de Marx, devemos reconhecer que a partir do Manifesto Comunista, as questões do trabalho e da luta da classe trabalhadora ficam resgatadas pela História. Apesar da proposta de Marx de fazer uma “ciência” de um modo de produção particular – o capitalista – suas teses tiveram o ‘poder’ de se converterem num amplo movimento social, em razão do próprio processo histórico e da conjuntura política da época, estabelecida principalmente a partir da revolução nessa de 1917.

Este fato teve desdobramentos políticos importantes, fazendo com que sua obra passasse a ter várias ‘leituras’; se estabeleceram discussões ideológicas que deram margem a ‘revisionismos’ os mais variados; com isso, instalou-se a idéia de uma “crise” do marxismo, com o argumento principal de que sua teoria só teria validade para a sua época, visto o capitalismo ter sofrido grandes transformações, ao mesmo tempo que a “práxis revolucionária” dos chamados ‘países socialistas’ cada vez mais se distanciaria dos pressupostos econômico-filosóficos do marxismo.

Creio que não seja preciso provar que não há crise alguma, já que estamos hoje, tentando ainda entender suas propostas, suas teorias, e sobretudo o porquê de sua força social revolucionária.

Hoje, mais de um século após a sua morte, é este o maior legado de Marx: “estar vivo”. Como disse Engels em seu elogio fúnebre: “Seu nome viverá ao longo dos séculos, e com seu nome, a sua obra”.

2. O TRABALHO ALIENADO

Já que a atividade é o cerne da atuação da Terapia Ocupacional, creio que a discussão da relação homem-atividade-trabalho, em Marx, poderia ser o ponto de partida para nossas discussões.

Para esta nossa reflexão eu gostaria então de centralizar a análise na questão do trabalho, a partir dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, não-acabados, polêmicos. Para Althusser são textos 'filosóficos e antropológicos', portanto, não materialistas nem dialéticos, da fase de pré-elaboração teórica de Marx — o jovem Marx. Já para Lukács e mesmo Eric Fromm são o germe do desenvolvimento do pensamento de Marx.

Não acredito que hajam "rupturas" no pensamento marxiano, mas sim um processo, que culmina com a elaboração da própria Crítica à Economia Política.

A Economia Política vigente na época (Ricardo, Smith), se contentava em analisar os vários fatores da produção, sem colocar o problema do Homem. É contra esta visão parcial que Marx vai pensar o trabalho: não como um dado a mais na conta dos custos de produção — Marx pensa o trabalho como essencialmente atividade humana.

A noção de trabalho da **Fenomenologia do Espírito** Hegeliana, leva Marx a discutir as contradições da sociedade burguesa e mais, de toda sociedade fundada na base da propriedade privada dos meios de produção, vendo o trabalho alienado como uma forma histórica da sociedade:

"toda a chamada história mundial nada mais é que a criação do homem pelo trabalho humano; ele, portanto, tem a prova evidente e irrefutável de sua autocriação, de suas próprias origens".²

Esta observação de Marx faz do homem "senhor de si" — o homem como "motor" da História.

Isto seria muito simples e levaria realmente a "classe operária ao paraíso", se o trabalho não aparecesse na sociedade burguesa em sua forma alienada, que Marx compara com a alienação religiosa ao afirmar:

"Quanto mais de si mesmo o homem atribui a Deus tanto menos lhe resta".³

A intenção crítica de Marx nos **Manuscritos** é muito clara:

"Com a própria Economia Política, demonstramos que o trabalhador afunda até um nível de mercadoria, e uma mercadoria das mais vis; que a miséria do trabalhador aumenta com o poder e o volume de sua produção".⁴

Na verdade, os reflexos negativos do trabalho não interessam à economia burguesa, já que o trabalhador enquanto força produtiva, passa a fazer parte do capital, cujo valor varia conforme a lei da oferta e da procura. Ao mesmo tempo, o trabalhador é uma mercadoria muito especial, um ser vivo, de necessidades e qualidades.

Mas ser um capital-vivo é justamente a desgraça do trabalhador, porque ele só interessa ao sistema capitalista como trabalhador e não como homem, e mais, interessa como trabalhador enquanto capaz de trabalhar, efetivamente ativo no trabalho.

A Economia Política se preocupa com a produção de mercadorias, entre elas o trabalhador, por isso lhe paga um salário, que garanta sua subsistência e sua reprodução.

Como ser humano este trabalhador pertence à outras esferas da sociedade — jurídica, religiosa, médica, etc. — “a lógica do capital é de um cinismo devastador, pois produzindo o homem como mercadoria, acaba reduzindo-o ao nível de um ser mental e fisicamente desumanizado”.⁵

Essa desumanização do homem pelo trabalho, leva Marx a analisar a própria natureza humana, rompendo com a ontologia idealista, por considerar a natureza ou a essência do homem como uma realidade histórica, em virtude do homem ser um ser social e concreto.

Na concepção marxista do homem, chamamos a atenção ainda para o seguinte: o homem como um ser natural humano e ativo — o homem e seu mundo material não são estranhos. O homem é um ser natural e portanto, sem a natureza a sua vida é impossível, mas também sua práxis é inviável. O trabalho assegura a relação homem/natureza, porque o específico do homem é justamente a sua capacidade prática de, através de uma atividade, construir um mundo objetivo, e construir conscientemente. É com o trabalho que o homem desenvolve a sua consciência.

Consciência e liberdade são elementos constitutivos do ser homem, não como realidades abstratas, mas como formas concretas da atividade do homem, que só se realiza na práxis livre, consciente e multilateral.

Mas eis a “questão”: como pensar nesta práxis livre e consciente a partir da divisão do trabalho — divisão esta que marca o que Marx chamou de pré-história da humanidade? Como superar o trabalho alienado na sociedade dividida em classes sociais?

A consequência deste trabalho alienado é que o homem se aliena também em relação aos outros homens, levando à polarização das classes sociais, cujos interesses são antagônicos, irreconciliáveis.

Para esta nossa reflexão, queria trazer ainda a questão da superação desta situação a que o homem é levado em função do seu trabalho, a

esta situação de “personificação do objeto” e de “coisificação da pessoa”, que acabou por “inverter” os valores éticos da sociedade.

3. SUPERANDO O TRABALHO ALIENADO ?

No capitalismo, o trabalho acaba por “voltar-se contra” o homem, criando uma dupla alienação: em relação ao objeto e em relação a si mesmo, uma auto-alienação.

Essa teia envolve também o capitalista, uma vez que no cotidiano a alienação se manifesta para o trabalhador como miséria, expropriação, enquanto que para o capitalista se manifesta como riqueza, acumulação do capital.

Marx deixa claro que a superação do trabalho alienado só encontraria espaço no modo de produção socialista, já que a alienação está ligada à atividade material do homem, manifestando-se nas próprias relações (técnicas e sociais) de produção.

A solução terá de ser politicamente revolucionária, mesmo dentro daquele horizonte de mínimas condições objetivas para a passagem de um modo de produção para outro, e da maturidade da “consciência de classe” das forças produtivas.

Como chama a atenção Lowy “o socialismo é, para Marx, a possibilidade objetiva de uma sociedade onde os valores humanistas são realizados, uma sociedade de “homens livres” – quer dizer, uma sociedade onde os homens livremente associados controlem, segundo um plano concebido de forma consciente, o processo da vida social”.⁶

Fica aberta a possibilidade do surgimento de um **novo homem**, numa sociedade sem classes onde se construiria um **novo humanismo**, histórico, sociológico, proletário.

As lutas de classe na França e, recentemente, na Polônia nos deixaram sonhos de igualdade desfeitos, lições amargas e a certeza de que este é um longo caminho a ser percorrido.

Mais de um século separam estas lutas: a Comuna de Paris, dentro do marco capitalista, e a Comuna de Gdansk, na esfera do socialismo real. Ambas expressam historicamente o esforço para se construir um novo homem, um novo trabalho, uma nova sociedade. Foram lutas inglórias, mas que deixaram as marcas necessárias para que os caminhos (difíceis) da liberdade possam ser trilhados.

Aos terapeutas ocupacionais, que tem na atividade a essência de sua atuação, que fazer com a questão desta forma de trabalho, cada vez

mais compartimentalizado, com a Ciência e a técnica dando às classes dominantes, cada vez mais, subsídios sofisticados para a exploração "racional" do trabalho e das forças produtivas ?

A terapia "pela atividade" vai "recuperar" que atividade, que trabalho e para qual sociedade ?

Acredito que a análise crítica deste processo de trabalho já é uma grande contribuição deixada por Marx.

Ironicamente, teorias mais recentes tem falado até que dada a sofisticação dos meios de produção, a contribuição do capital-vivo se torna cada vez mais inexpressiva...

Assistimos hoje ao desenvolvimento de pesquisas para a criação de sub-humanos, híbridos, para executar **trabalhos humildes...** (Folha de São Paulo, 28-05-87, p. A-24).

Nos países do chamado Terceiro Mundo isto não se tornará tão cedo uma realidade (?), dado ao próprio "atraso" no desenvolvimento do capitalismo. Devemos ainda refletir sobre o processo de trabalho que enfrentamos como países "periféricos".

Os desafios são muitos, as perspectivas nem sempre muito doces. Temos que ter a capacidade de lutar neste contexto histórico, para chegar a superar esta etapa de indignidade de que se revestiu o trabalho.

Sonho com o dia em que o trabalho será um brinquedo.

Vamos lutar para que o sonho se transforme em práxis verdadeira. Com sucata ou sem ela. Muito obrigado.

BIBLIOGRAFIA

- ASTRADA, Carlos. **Trabalho e Alienação**, R. J., Paz e Terra, 1968.
- CHASIN J. e outros. **Nova Escrita/Ensaio**, Ano V, nº 11/12, Marx Hoje, Edição Especial.
- FROMM, E. **Conceito Marxista do Homem**, R. J., Zahar, 1979.
- LOWY, M. **Método Dialético e Teoria Política**, R. J., Zahar, 1978.
- LUCK'CS, G. **Os princípios ontológicos fundamentais de Marx** (Ontologia do Ser Social IV), S. P., Ed. Ciências Humanas, 1979.
- SCHAFF, A. **O Marxismo e o Indivíduo**, R. J., Civilização Brasileira, 1967.

NOTAS:

(1) Para complementação vide: 1) José NUN, "O outro reducionismo", in *Nova Escrita/Ensaio*, Ano V, Nº 11/12 – Marx Hoje, Ed. Especial, 231-260; 2) István MÉSZÁROS, "Reflexões sobre o Centenário de Marx", idem, 105-124.

(2) Manuscritos Econômico Filosóficos, in Eric Fromm, **Conceito Marxista do Homem**, R. J., Zahar, 1979, p. 126 (apêndice).

(3) Ibidem, p. 91.

(4) Ibidem, p. 89.

(5) Giuseppe STACCONE. "O homem e o trabalho nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844", in *Nova Escrita/Ensaio*, 197-210.

(6) Michel LOWY. "Método dialético e teoria política", R. J., Zahar 1978, p. 71.